**UMA ESTÓRIA: OS SALTEADORES, OS DESPREZADOS, OS INDIFERENTES, OS CONSTUTORES**

E Jesus lá andava por aquelas terras, sempre junto ao povo, distante dos poderes políticos e religiosos. Muitas vezes retirava-se para pensar, um pensamento elevado ao Pai, uma conversa com Ele, só, era preciso o contacto com o Pai. Outras vezes era com todos os seus amigos e amigas. Também falavam com o Pai. Acontece, até, que uma vez, esses amigos e amigas lhe perguntaram como se falava com o Pai. E. de repente, saiu o Pai-Nosso. Oração pequena, porque não era um sermão ao Pai, mas interiorizar aquilo que era necessário saber e fazer, para que o Pai ouvisse, mais que nós esperássemos ouvir dele uma resposta, era um falar, um dizer, um consolo, para interiorizarmos o que devíamos fazer. Um dia, porém, perguntaram-lhe quem era o “próximo”, já que ele falava sempre no “próximo”. Ele, como no Pai-Nosso, contou-lhes uma estória. Essa estória contém quatro personagens: os salteadores, os desprezados, os indiferentes e os construtores.

Então, vá lá: havia um homem que seguia por uma estrada, no caminho da sua vida, certamente a “ganhar-o-pão-de-cada-dia”, a pensar por onde ia – a estrada era perigosa -, na sua família, talvez nos filhos e na mulher, nos impostos que tinha de pagar aos poderes políticos e religiosos. A certa altura um grupo de assaltantes, marginais, também explorados como ele, cometeram o crime do “roubo”, feriram-no, levaram com eles o que ele possuía, pensaram-no morto, e fugiram com o produto do “roubo”. O homem assaltado ficou muito ferido e na berma da estrada, pensando, porventura, na sua morte. Eis que pela estrada passa o poder religioso um sacerdote e um levita – como hoje diríamos um bispo, um presbítero e um diácono, que, agora, se chamam de reverendos -, olharam, viram e disseram, olha “coitado” foi assaltado, e como tal “não o viram”, os poderes religiosos são sempre assim. Jesus não fala da policia da altura ou de qualquer poder político, mas é possível que passassem e “não viram”. O homem assaltado era judeu, os salteadores poderiam ser judeus, Jesus não esclareceu. Até que passa um outro homem. Olá – devia ter dito -, ali está um judeu na berma da estrada, deixa-me ir ao pé dele, com cuidado, porque eu sou samaritano, e logo inimigo do judeu. Chegou junto a ele, e viu-o ferido – não era uma armadilha engendrada pelos judeus -, tratou dele com os remédios da altura, colocou-o sobre o seu cavalito e parou na primeira estalagem. Esteve uma noite a tratá-lo e como tinha de prosseguir para tratar dos seus negócios, deixou o dinheiro necessário ao dono da estalagem para o tratar, e disse que gastasse mais se fosse necessário, quando voltasse da viagem, lhe pagaria o que restante. Então quem era o próximo, perguntou Jesus, do assaltado. Os salteadores, os indiferentes ou o inimigo que o tinha tratado. Ficou esclarecido que era o samaritano.

Jesus ao contar esta estória sobre o nosso próximo, focou um ponto essencial: existe sempre quem não seja indiferente, nem salteador, mas construtor de uma nova Humanidade. Que está atento aos “assaltados” de tantas formas de violência. Também nada diz sobre os salteadores – que normalmente nós nos esquecemos na estória, digo eu, por serem espoliados também pelos poderes e verem-se na necessidade, de subtrair aos outros, o que a eles não pertence -, mas nem uma palavra é dita. Devíamos pensar nisso, porque os salteadores são o produto da sociedade da altura e da nossa. Refere os religiosos do templo, e isso faz-nos refletir e muito. O ser indiferente e passar ao largo, como alguma coisa que não lhes diz respeito, é contrário ao ensinamento de Jesus.

Como acontece hoje, quantos elementos do clero, clericalizados pelos poderes, que julgam adquiridos, não passam ao lado de tantos feridos na estrada, a começar pela Mãe Terra. Querem lá saber daquilo que o seu bispo Francisco fala e refala. Os próximos deste clericalismo falhado são as intenções que recebem por cada missa, quais salteadores na casa de Deus. Quantos apoiam o bolsonalismo, trumpismo, venturismo, le penismo, e outros por esta Humanidade ferida, e em nome de se dizerem cristãos? Mas não só na Igreja Católica Romana, também nos protestantes, anglicanos, ortodoxos e evangélicos.

A estória que Jesus contou é verdadeira hoje, os salteadores são iguais aos indiferentes, que os alimentam. Só os construtores da Paz e da Justiça são os “samaritanos” que se mostram (com) paixão, ao lado dos injustiçados e desamparados.

A estória é verdadeira nesta época de pandemia, como já era. Cabe aos cristãos e às cristãs, assumir a sua condição de “samaritanos”, não daqueles que “dão”, para se mostrarem compadecidos, mas daqueles que mostram o rosto de Jesus crucificado e ressurreto.

Felizmente, que contamos com muitos que dão as suas vidas por serem “samaritanos”,

**Joaquim Armindo**

**Pós-Doutorando em Teologia**

**Doutorado em Ecologia e Saúde Ambiental**

**Diácono – Porto - Portugal**